

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel—O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.

Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs. — Escritorio: — Rua de S. João n.º 2, C.

TERÇA FEIRA 18 DE JULHO

DECLARAÇÃO

O Bacharel Antonio Maria Pinheiro Ferro, tendo conhecimento de que o exm.º sr. Mathias Dias da Fonseca dissera que o seu procedimento em relação á minha eleição não envolvia a quebra das nossas relações, declara que ficam completamente interrompidas para todos os effitos; porque entende não poder continuar com taes relações sem quebra da sua dignidade.

BRAGA 17 DE JULHO

NECESSIDADE DA RELIGIÃO.

Não ha imperio, nação ou povo algum no mundo, ainda o mais selvagem, sem religião.

Este facto incontestavel significa que a sociedade não póde existir sem ella. Os laços que n'esta o ligam a seus diversos membros quebrar-se-iam a cada passo sem este indispensavel esteio.

Além d'isso quando fora possivel que a sociedade podesse existir sem religião, que seria do homem depois de deixar este vale de miserias?

A religião não só conduz ao fim ultimo a que o homem póde aspirar; mas até serve de linitivo a todas as amarguras a que todos estão sujeitos antes de morrer.

Que seria de nós se nas nossas afflicções não recorressemos a Deus?

Que seria de innumeraveis infelizes que na sociedade esgotam o calix de todos os infortunios?

As conclusões são faceis de tirar; porque todos as sabem e conhecem.

Entregues á desespera ção pelasua miseria, e não auxiliados pelas crenças religiosas, transtornariam completamente a ordem moral e social, e cada um d'estes infelizes seria um ladrão, um assassino, e finalmente quanto o seu desespero lhe indicasse.

Posto isto, é absolutamente indispensavel educar o povo de modo que elle possa comprehender quaes os deveres que tem a cumprir para com Deus, para com a sociedade e para comsigo mesmo.

Evitando por este modo em Portugal as desgraçadas scenas da communa de Paris.

F.

Vem *O ARTISTA* á luz da publicidade pequeno e pobre; porque a classe que principalmente vae representar nas lides jornalistas tambem é pobre.

É *O ARTISTA*, e n'esta palavra tem dito tudo.

Não vem de lança em riste para atacar esta ou aquellá parcialidade politica, nem para discutir no soalheiro. O seu fim é mais nobre e elevado.

Tratará todas as questões que principalmente interessarem esta numerosa e desvalida classe, e todas aquellas que disserem respeito ao bem geral de todas as classes, sem lhe importar se isso convem a esta ou áquella politica.

O ARTISTA não symbolisa uma politica determinada; mas aceitará de todas o que tiverem de bom e regeitará egualmente de todas o que tiverem de mau.

E n'estas poucas palavras fica resumido o seu programma.

F.

OS IMPOSTOS E AS ARTES.

Vae brevemente reunir-se o parlamento, e de certo a primeira questão que tratará é a de fazenda.

Não temos a mais leve esperanza de que o governo seja avisado n'esta questão; porque ainda ha pouco nos deu provas da precipitação com que trata taes assumptos.

Não consta até hoje que fossem expedidas as ordens necessarias aos differentes districtos para se proceder ás indagações precisas que deviam ser a base de um bem distribuido imposto.

E com tudo o governo devia lembrar-se das difficuldades porque passou ainda ha pouco na questão de fazenda, que produziu a crise passada e que não tardará a produzir outra talvez peor.

As medidas de fazenda que produziram a passada crise não podem de modo algum ser aceites, taes como estão e como o nobre ministro desejava; porque os impostos para serem justos e racionaes devem significar producção e não destruição.

O imposto por exemplo lançado á classe Artistica por aquellas medidas significava o abandono completo de algumas artes e a completa ruina de outras.

N'este caso parece-me que o imposto significa, sem duvida nenhuma, destruição e não criação.

O estado não cria recursos para o thesouro quando lança impostos exorbitantes que matam as industrias nascentes e outras decadentes. O estado n'este caso diminue as fontes de receita e mata de fome milhares de infelizes.

O estado não póde nem deve avaliar da prosperidade de um paiz pela capital, nem por uma ou outra cidade populosa e rica; porque as circumstancias variam completamente.

E quando assim procede sujeita-se ao desaire de ver rejeitadas as suas medidas no parlamento, quando os procuradores do povo cumprem com o seu dever.

E quando abusam do mandato que o povo lhe conferiu, ou farão vingar pela força armada as suas iniquidades, ou o povo lhe recusará o imposto.

E em qualquer dos casos teremos o transtorno da ordem publica, o que de certo agravará cada vez mais a nossa questão financeira. F.

Está o ministerio em crise com a saída do sr. visconde de Chancelleiros.

Os creditos de que este cavalheiro gosava eram uma das poucas garantias que offerecia o gabinete actual.

O edificio ministerial tinha sido mal construido e formado de elementos não só heterogeneos; mas até pouco firmes para sustentar e dirigir os destinos de um paiz que não devia estar sujeito aos caprichos de tanta vulgaridade.

Bem se quiz eucobrir até agora a pouca força e unidade do ministerio; porém debalde, porque os factos falaram mais alto do que as apparencias de força e harmonia que o ministerio inculcava.

Naturalmente o resto do ministerio abalado profundamente pela saída do sr. visconde de Chancelleiros não resistirá por muito tempo e apenas deixará a póz de si a triste recordação que todos os ministerios de 1868 para cá nos teem deixado.

Que nos não intorpeça mais a governação publica e a terra lhe seja leve!!

A missão da imprensa e a sua pouca imparcialidade.

Um dos elementos mais poderosos para moralisar e instruir é sem duvida nenhuma a imprensa periodica.

Por este meio os conhecimentos mais necessarios e vantajosos se propagam de tal fórma que vão até á ultima camada social.

Por este meio se fazem conter nos seus justos limites os homens publicos que por vezes abusariam impunemente das suas posições em detrimento da sociedade.

Mas para que isso assim seja, e a imprensa tenha a influencia benefica que deve ter é preciso que os escriptores sejam cordatos e conscienciosos.

Os escriptores publicos devem antes de publicar qualquer escripto compenetrar-se bem do alcance moral e social d'elle.

E não escrever pelo contrario cousas que possam alterar a ordem moral e social, causando assim á sociedade males irreparaveis.

O escriptor publico deve ser imparcial e avaliar os factos como elles se passaram sem lhe importar se a censura tem de incomodar um grande ou um pequeno, um rico ou um pobre, um poderoso ou um fraco.

Infelizmente a nossa imprensa está muito longe de tratar os assumptos de que se occupa peio modo que os devia tratar.

Sirva de exemplo a imprensa de Braga que por pouco livre não tratou um negocio que se deu n'esta terra e que na verdade foi o favoritismo mais escandaloso de que decerto a imprensa terá noticia.

Quando ultimamente aqui veio o eximio actor Taborda, estando-se no ensaio para a primeira recita houve uma tentativa de assassinato, praticada pelo filho do visconde de Montariol, disparando este á queima roupa um tiro contra o sr. Joaquim Firmino Cunha Reis, por este lhe ter dado com um chicote.

A imprensa de Braga sempre ávida de noticias emmudeceu!!!

Outro facto que de certo a imprensa de Braga conhece, é terem dois cavalheiros, Henrique Freire d'Andrade e Antonio Maria Pinheiro Ferro, o primeiro presidente do Monte-Pio e o segundo 1.º secretario, mandado fazer á sua custa toda a mobilia propria para a aula dos Artistas.

Além d'isso ser paga a despeza eventual pelos supraditos cavalheiros e reger a cadeira gratuitamente o 1.º secretario Antonio Maria Pinheiro Ferro.

Está esta aula quasi acabada e de certo se abrirá por toda esta ou a semana que vem, e apesar de isto a imprensa de Braga nem uma palavra deu ainda a tal respeito!!

Tem razão, que o acontecimento é pequeno e não vale occupar os leitores com elle!!! F.

Tendo mandado para o *Bracarense* a correspondencia seguinte, e julgando de necessidade dar-lhe a maior publicidade possivel, com a devida venia passamos a transcrevel-a. F.

Sr. redactor.

Depois da ampla liberdade que v. me concedeu de responder no seu jornal ás apreciações feitas por v. sobre a eleição de Braga, nenhuma duvida me póde restar de que v. aceitará a justa resposta ás inexactas reflexões feitas por v. sobre tal eleição.

Lembrado estará v. da vinda a esta terra do exc.^{mo} general Luiz Maldonado; e de certo não ignorou então o meu completo rompimento com o centro politico de que até ahi fazia parte por affeições pessoais.

Tambem de certo sabe que ainda hoje, por essas mesmas affeições pessoais, o partido de Janeiro não gosta de mim, e bem o demonstrou na minha eleição.

A' vista do que, v. faltou á verdade quando disse que os partidos colligados de Braga me tinham dado o seu apoio.

Sabe v. igualmente que a classe artistica pediu o meu humilde nome para oppor ao candidato, que nada tinha a esperar, não só d'esta classe, mas de todas as d'esta terra: e que só podia confiar no poder da auctoridade, que o exc.^{mo} renactor do *Bracarense* soube apreciar tantas vezes, como opposição, e agora melhor conhece, como candidato do governo.

Não foi só a classe artistica que obrigou o meu nome a aceitar a honrosissima votação, que o circulo 6.^o lhe conferiu contra a vontade da maxima parte dos cavalheiros a quem o exc.^{mo} redactor allude; porque a politica, na phrase d'elles, se oppunha ao apoio do meu nome.

Foi tambem, entre outros cavalheiros que me abandonaram, o exc.^{mo} snr. Mathias Dias da Fonseca, que instando comigo para que eu fizesse opposição ao candidato do governo foi o primeiro, ou dos primeiros que bateu em retirada, julgando talvez, que depois de se collocar na triste e desgraçada posição que tomou, eu abandonaria o campo.

Não foi de balde que o meu nome foi atirado á rua; porque os Bracarenses sabem distinguir o trigo do joio; e senão que o diga a honrosissima votação que consegui, apesar das baixezas da auctoridade, e da pouca independencia e brios d'aquelles que deviam ser superiores ás miserias que praticaram.

E finalmente direi franca e abertamente, que quanto v. diz em relação ao apoio que a tal colligação me prestou na minha eleição é falso e não passa de uma trica para encobrir a pouca ou nenhuma popularidade que tinha o candidato do governo.

Ficarei hoje por aqui declarando a v. que fará muito beu em não entrar em polemica comigo.

De v. etc.

Braga 14 de Julho de 1871.

Antonio Maria Pinheiro Ferro.

NOTICIARIO

Assassinato frustrado.—Deu-se n'esta terra ha tempos um facto, que a imprensa calou cuidadosamente e que ás auctoridades parecerá que passou despercebido.

Pois a todos ainda hoje lembra perfeitamente, e o que parece incrível é que o favor e a impunidade vão tão longe.

Em um dos ensaios do theatro d'esta cidade, quando aqui veio ultimamente o eximio Taborda, querendo o sr. Joaquim Cunha Reis entrar no palco, e não lho consentindo o filho do sr. Visconde de Montariol deu aquelle com um chicote n'este, e retirando o filho do sr. Visconde e voltando pouco depois disparou á queima-roupa contra o snr. Cunha Reis um tiro de revolver.

Houve grande alvoroço. acudiu a policia e a força armada, sendo a primeira ameaçada e mal tratada, segundo dizem pelo sr. Jeronimo Pimentel, e a

segunda mandada retirar pelo sr. Visconde de Pindella. Não se fallava em outra cousa em Braga, dizendo-se que, se aquillo fosse com algum desgraçado, iria de certo logo para a cadeia e de lá para a costa d'Africa.

A final o publico não se enganou porque tudo se compoz e o heroe da tragedia logo no dia seguinte passeava em Braga com tanta arrogancia como se tivesse mettido uma lança em Africa.

Tudo assim vae porque é a ordem normal do mundo, e nós já não admiramos a sua marcha; mas esta é tão calva e tão escandalosa, que sempre nos atrevemos a fazer uma pergunta.

Se o *Artista* levar por ahí alguma bofetada, chicotada ou pontapé e á moda do filho do sr. Visconde de Montariol, der o seu tirinho em troco, não será preso, nem processado?

Liberalismo mal entendido.—Publicou ha dias o *Futuro* coisas que desagradaram ao partido liberal. Na tarde do dia 14 do corrente encontrou-se o sr. Antonio Motta, escrivão de direito em Braga, um dos 7:500 do Mindello, com um estudante, que na opinião d'aquelle ou d'alguem, era o auctor das desagradaveis publicações.

Com poucas ou nenhuma explicação sobre o facto, o sr. Antonio Motta deu no estudante por supper que elle era o auctor do alludido escripto.

Este procedimento nao é de verdadeiro liberal e de quem pegou em armas contra o despotismo; porque o verdadeiro liberal deve ser tolerante, respeitador da carta constitucional e das leis vigentes.

Foi este facto, segundo nos informam, presenciado por algumas auctoridades, que não quizeram tomar conhecimento d'elle.

Alguns estudantes, por espirito de classe, foram pedir providencias á auctoridade, e n'esta occasião encontrando-se com o sr. José Motta trocaram algumas palavras que deram em resultado haver em Braga, em todo o resto da tarde, um verdadeiro tumulto que a austeridade não soube, não pôde, ou não quiz reprimir.

Lamentamos estes acontecimentos por tal motivo; porque estas pendencias tratam-se nos tribunaes e não nas ruas com o pugilato. Prevenimos a todos os sectarios do systema alludido de que querendo usar do mesmo methodo com o redactor d'esta folha sempre será bom deixarem ficar em ordem os seus arranjos e dizerem adeus á familia.

Quem tem padrinho não morre mouro.—No dia 9 do corrente, pelo fim da tarde, um creado do sr. visconde de Montariol provocou uns Artistas, no Largo do Barão de S. Martinho, por terem votado contra o sr. visconde.

Em seguida houve pancadaria, e entervio a policia que não foi obedecida senão muito tarde.

Por fim de tudo como o auctor e principal desordeiro era creado do sr. visconde tudo ficou como estava e não se procedeu á captura do provocador e desobediente á auctoridade.

Teem rasão; porque a carta diz: «A lei será egual para todos»!!!

Musica dos Artistas. — Foi a musica dos Artistas acompanhada por alguns typographos e amigos do redactor do *Bracarense*, tocar-lhe á porta em virtude do vencimento da sua eleição por Villa Verde.

Tirou d'este facto o *Bracarense* o partido que podia e que tira de tudo que lhe convem.

Mas não foi muito feliz em fazer tanta bulha com tal acontecimento; porque meia duzia d'Artistas e alguns typographos não significam a classe toda.

Além d'isso esses poucos que foram obsequiar o redactor do *Bracarense* n'aquella noite faziam parte dos taes importantes Artistas que em casa de Pinhoeiro Ferro se reuniram em numero de sessenta ou mais para constituirem o centro que o *Bracarense* tanto pareceu redicularisar então.

Como os tempos mudam, collega?

Quando os Artistas mais importantes me davam provas da sua affeição perguntava o collega quem eram esses importantes Artistas; porque lhe não convinha o acontecimento.

Hoje que meia duzia d'elles lhe levam uma musica á porta já são importantes.

D'onde veio para ahi a envio!!

Aula do Monte-pio dos Artistas. — Vai brevemente abrir-se a aula dos artistas, que principiará ás 8 e $\frac{1}{2}$ horas da noute, e acabará ás 10 todos os dias não santificados, ou de gala. Regerà gratuitamente esta cadeira o Bacharel Antonio Maria Pinhoeiro Ferro, e no seu impedimento deixará professor pago por elle e da sua escolha.

Não poderão frequentar senão os socios do Monte-pio e seus filhos.

Azylo dos Entrevados de S. José. — Resolveu a junta administradora que todos os devedores de juros ao dito estabelecimento fossem demandados, senão pagassem até ao dia 21 do corrente.

E como este meio nos pareceu conveniente para significar a todos a resolução da junta, porisso declaramos isto para conhecimento dos interessados.

Senhor da Agonia. — Os mezarios de Santa Martha da Falperra, com o fim de augmentar a concorrência, determinaram mudar para o dia 30 (domingo) a festividade do Senhor da Agonia, que se costuma fazer no dia 28.

Naturalmente haverá este anno grande concorrência, em virtude do melhoramento que a estrada teve facilitando mais o transitio.

Nossa Senhora do Carmo. — Teve logar no domingo passado a procissão da Senhora do Carmo, que percorreu as ruas do costume e foi feita com a maior pompa possivel.

Reunião. — Como o exc.^{mo} Conde de Bretian-dos é juiz de Nossa Senhora do Carmo, quiz este anno tornar mais pomposa e luzida a festa da Senhora dando em sua casa nos Biscainhos uma magnifica reunião que terminou pelas tres horas e meia da madrugada.

Querella. — Consta que o *Futuro*, jornal que se publica n'esta terra está querellado por ter feito algumas allusões á memoria do sr. D. Pedro 4.^o

Exames de candidatos ao magisterio primario. — No dia 13 do corrente entraram a exame 14 candidatos ao magisterio primario. D'estes retiraram dous, um por doença e outro por não querer continuar. Ficaram 12, dos quaes tres foram excluidos, sendo admittidos ás provas oraes os seguintes: José Maria Leite de Miranda, Agostinho Martius de Castro, Domingos Antonio Peixoto d'bs Reis Barreto, Manoel José Gonçalves Linhares, Alexandre José Rodrigues, João Amaro Maia, João Vieira de Cunha, José Martins da Cruz, Antonio de Araujo e Cunha. No dia 20 pelas 9 horas da manhã terão logar as provas oraes.

Falta de pagamento. — São hoje 18 de Julho e ainda não veiu ordem de pagamento para os professores do lyceu.

As eleições esgotariam o thesouro publico?

Partida. — Partiu no sabbado á tarde em uma sege o snr. governador Civil não sabemos para onde; mas pelo costume de certo foi para Guimarães onde vai todas as semanas fazer a feira.

Isto é que se chama aproveitar o tempo e até o dinheiro!!!

F.

PUBLICAÇÕES

FLORES DE ESPINHOS

PELO

Dr. João Ignacio do Patrocinio da Costa

Este volume de poesias, impresso com nitidez na typographia Lealdade, acha-se á venda, pelo preço de 200 rs., nas livrarias de Eugenio Chardron, Germano Joaquim Barreto, e Eduardo Coelho.

No fim do volume, acha-se a versão dos *Seductores e Lisongeiros*, extrahida do *Inferno* de Dante Alighieri, e precedida d'uma exposição preambular.

BOSQUEJOS

DE

RECORDAÇÕES DO PASSADO

OU

A INFANCIA E A CRUZ

PELO

Padre Francisco Antonio Fabião

Um volume de 144 paginas.

Preço..... 300 réis.

Vende-se em Braga, na Livraria Internacional de E. Chardron, largo de S. Francisco. — Livraria de G. J. Barreto, rua do Souto. — Em casa do Auctor, Campo de D. Luiz I n.º 15, e na typographia Lealdade, rua de S. João n.º 2, C.

BRAGA — TYPOGRAPHIA LEALDADE — 1871

Rua de S. João n.º 2 — C.